

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda**

Vanessa Kelly Cruz

MODA FRANCESA:

A elegância como subsídio de estilo das parisienses

VANESSA KELLY CRUZ

MODA FRANCESA:

A elegância como subsídio de estilo das parisienses

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Orientadora: Prof^a. M.^a Luciana Ramos de Souza

AMERICANA – SP

2021

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

C965m CRUZ, Vanessa Kelly

Moda francesa: a elegância como subsídio de estilo das parisienses. /
Vanessa Kelly Cruz. – Americana, 2021.

393f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade
de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula
Souza

Orientador: Profa. Ms. Luciana Ramos de Souza

1 Moda - França I. SOUZA, Luciana Ramos de II. Centro Estadual de
Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

CDU: 687.016

VANESSA KELLY CRUZ

MODA FRANCESA:

A elegância como subsídio de estilo das parisienses

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof.^a M.^a Luciana Ramos de Souza
(Orientadora)
Faculdade de Tecnologia de Americana – SP

Prof.^a Dr.^a Doralice de Souza Luro Balan
(Membro 1)
Faculdade de Tecnologia de Americana - SP

Prof. Esp. Carlos Frederico Faé
(Membro 2)
Faculdade de Tecnologia de Americana - SP

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho surgisse, contei com o apoio de várias pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta jornada fosse possível.

Agradeço às entidades sagradas, que sempre nos protegem e nos guiam em todos os caminhos.

Aos meus pais, Jair e Elza, pela confiança no meu progresso, pelo incentivo aos estudos e pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos, Carolina, Letícia, Luan e Mariane, por não me deixarem esquecer da minha capacidade e por estarem sempre presentes.

Às minhas amigas de graduação, Giovanna e Karina, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, pelas trocas de ideias e ajuda mútua.

À minha orientadora, Luciana, a quem admiro, que com sua inteligência e direcionamento assertivo, permitiu que meu trabalho fosse conduzido de forma fluida e estruturada.

Aos professores que compõem a banca, Dora e Faé, que aceitaram gentilmente meu convite. Também ao professor Sampaio, que se mostrou disposto durante o processo.

À FATEC – Americana e ao seu corpo docente, que demonstraram estar comprometidos com a qualidade de ensino.

*“Elegância é a arte de não se fazer notar,
aliada ao cuidado sutil de se deixar
distinguir.”*

(Paul Valéry)

RESUMO

Tendo em vista que a moda compreende a abordagem de determinados grupos e que o estudo destes proporcionam seu desenvolvimento cultural, pesquisa-se sobre a moda francesa tendo a elegância como base para o estilo parisiense, a fim de responder à pergunta: o que torna o estilo das parisienses tão atraente a ponto de influenciar as pessoas a se comportarem da mesma forma? Para tanto, é necessário buscar o entendimento da relevância deste estilo, bem como contextualizar o termo elegância, relacionar a evolução da elegância com a França e apontar as principais características do estilo das parisienses associando-os ao seu poder de influência. Realiza-se, então, uma pesquisa baseada no levantamento de informações, de caráter bibliográfico e conclui-se que a herança da triunfante trajetória da moda francesa ao longo da história sob os pilares da elegância, juntamente ao saber-fazer clássico das parisienses, contribui diretamente com o desejo e a sensação de pertencimento provocados por este estilo, tornando-o inspirador e passível de imitação.

Palavras-chave: Elegância; Estilo; Parisiense.

ABSTRACT

Considering that fashion comprises the approach of certain groups and that studies regarding those provide cultural development, research is carried out on French fashion having elegance as the basis for the Parisian style, in order to answer the question: what makes the style of Parisians so attractive that it influences people to behave in the same way? Therefore, it is necessary to seek an understanding of the relevance of this style, as well as contextualize the term elegance, relate its evolution with France and point out the main characteristics of the style of Parisians, associating them with their power of influence. A research based on the survey of bibliographic information is then carried out and as conclusion, the legacy of the triumphant trajectory of French fashion throughout history under the pillars of elegance, together with the classic know-how of Parisians, directly contributes with the desire and sense of belonging caused by this style, making it inspiring and capable of imitation.

Keywords: Elegance; Style; Parisian.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – George "Beau" Brummell, ilustrado por Richard Dighton (1805).....	16
Figura 2 – Retrato de Louis XIV por Hyacinthe Rigaud (1701).....	18
Figura 3 – Retrato de Maria Antonieta da Áustria por Jean-Baptiste André Gautier-Dagoty (1775).....	20
Figura 4 – Conjunto de gala por House of Worth (1888).....	22
Figura 5 – Mademoiselle Chanel em seu ateliê.....	23
Figura 6 – Tailleur Bar, símbolo do New Look, por Christian Dior (1947).....	24
Figura 7 – Exemplo de guarda-roupa cápsula parisiense	27
Figura 8 – Combinações a partir dos itens básicos do vestuário parisiense	28
Figura 9 – Musas do cinema francês (Deneuve, Bardot e Gainsbourg, respectivamente).....	29
Figura 10 – Musas contemporâneas (Damas, Socol, Mus e Charrière, respectivamente).....	30
Figura 11 – Luisa Meirelles em sua loja homônima.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A CONSTRUÇÃO DA ELEGÂNCIA	13
2.1	O vanguardismo elegante	15
3	A ELEGÂNCIA E A FRANÇA: A ELEGÂNCIA TOMANDO FORMA	18
3.1	Paris, a capital da moda.....	20
4	ELEGÂNCIA À FRANCESA: A ELEGÂNCIA CONSTRUÍDA	26
4.1	O estilo das parisienses	26
4.2	O estilo das brasileiras pelos critérios franceses	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Os modos parisienses de vestir-se e comportar-se despertam interesse por parte de pessoas ao redor de todo o mundo, deslumbrados por sua elegância, que ecoa tão naturalmente.

Nessa perspectiva, sendo a moda um campo de conhecimento cultural, percebe-se a necessidade de assimilar o comportamento deste grupo como objeto de aprendizado.

Portanto, indaga-se: o que torna o estilo das parisienses tão atrativo a ponto de influenciar as pessoas a se comportarem da mesma forma?

Então, o objetivo geral da presente pesquisa é compreender de que forma este estilo torna-se tão relevante, suscitando desejo e interesse e transformando-se em inspiração para tantas pessoas mundialmente.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: conceituar e contextualizar o termo elegância; relacionar a evolução da elegância e sua ligação com a França, em um breve retrospecto histórico e, por fim, conceituar a palavra estilo e apontar as principais características do estilo das parisienses associadas ao seu poder de influência, inclusive entre as brasileiras.

Parte-se da hipótese de que este estilo gera identificação e/ou sensação de pertencimento, onde supõe-se que, para tornar-se elegante, faz-se necessário buscar inspiração neste estilo, a partir do momento em que as parisienses são a maior referência elegância natural e suscetível a imitação.

Assim, para viabilizar o teste da hipótese, realiza-se uma pesquisa de finalidade básica estratégica, exploratória, sob o método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa e realizada através de procedimentos bibliográficos.

O primeiro capítulo apresenta a definição do termo elegância e algumas considerações sobre seus aspectos. Também traz a contextualização da palavra em relação às suas primeiras aparições.

No segundo capítulo, aponta-se os principais personagens da história da moda francesa e suas importantes contribuições, em ordem cronológica, sob o aspecto dos moldes de estruturação da elegância.

O terceiro capítulo dissecar o estilo das parisienses, já construído pelos critérios elegantes, através da análise de seus principais elementos, onde apresenta as musas

inspiradoras responsáveis pela propagação deste estilo. Além disso, cita-se a influência da moda francesa perante a moda brasileira.

2 A CONSTRUÇÃO DA ELEGÂNCIA

Do latim *elegantia*, o conceito de elegância tornou-se sinônimo de classe e bom gosto ao longo da história, representando um conjunto de atitudes e trejeitos, seja no falar ou no vestir, que constrói e define o ser elegante. Tais características reproduzidas no comportamento acabam sendo revertidas numa espécie de porta de entrada, de um cartão de visitas para sua inserção em um determinado meio. Desta forma, um ser elegante pode facilmente ser associado à ideia de refinamento e transitar livremente entre grupos exclusivos.

Elegância: [e-le-gân-ci-a] S.f. 1. Harmonia de formas e proporções; donaire, galhardia, garbo. 2. Qualidade do que se faz com apuro e esmero no que diz respeito ao vestuário e à maneira ao mesmo tempo sofisticada e simples de usá-lo; alinhado, apuro, bom gosto: “*Aurélia estava como sempre, deslumbrante de formosura, de espírito e de luxo. Seu traje era um primor de elegância*” (SEN). 3. Aparência física esbelta, esguia; esbelteza, torneio. 4. Recato no comportamento, nas maneiras; civilidade, distinção, polidez. 5. Distinção na linguagem; estilo sem afetação; correção, esmero, precisão. 6. Correção de caráter, dignidade, honradez, nobreza. (ELEGÂNCIA, 2021).

De acordo com a interpretação em dicionário citada acima, evidencia-se que o verbete elegância se faz presente como características adquiridas ao ser elegante, ou seja, insinuando que não se nasce elegante, torna-se. Toda a sua construção é feita através de práticas aprendidas e projetadas, de forma a ser replicada com naturalidade, refletindo a impressão de uma qualidade nata.

Em continuidade à relação etimológica da palavra elegância, Braga (2013) traz uma definição quase poética do sentido da palavra em sua concepção, onde indica que o “el” de elegância é o mesmo utilizado no termo beleza. Palavras que conversam entre suas origens etimológicas. *El gan cia* significa “andar com os trajes de Deus”, revestir-se desta aura. Assim, elegância não se trata só de uma aparência. Sintetiza-se a percepção de que a elegância não diz respeito apenas à imagem, mas sim de postura e comportamento adequados, bem como certo conhecimento profundo do luxo. Que a verdadeira elegância está na simplicidade, de forma distinta e refinada.

Ao referir-se à palavra elegância, em seu conceito mais puro, tende-se a idealizar certa leveza e suavidade, provenientes da delicadeza remetida pelo tema. Portanto, espera-se que tais condutas sejam coerentes com o indivíduo que as possua, sugerindo autodomínio e naturalidade, mesmo que através do espelhamento,

para que, independentemente de ser construída, sua imagem transpareça normalidade.

A importância dos gestos, entendidos como sinais de refinamento, bem como o ambiente que o cerca imprimindo uma atmosfera de sofisticação, revelam o poder de uma narrativa elegante. O entendimento se estabelece não exclusiva e necessariamente através da imagem, mas de um conjunto de particularidades que conduz a essa percepção.

Silva (2016), em seus estudos sobre elegância natural e teatral também propõe que é nesse cenário de luta de classes que a elegância toma distinção, ao buscar reconhecer-se socialmente quando o estilo das elites é imitado. Ou seja, reafirma que, para ser elegante, é necessário se inspirar em modos vindos das classes mais favorecidas. Isso não significa que a elegância não possa ser reproduzida para além da etiqueta e da classe social, mas que, em sua maioria, está associada à realidade na qual está inserida. Sua trajetória, por si só, já soa elitista.

Logo a vestimenta também faz parte da contextualização deste cenário. Ao pressupor que a aptidão desenvolvida pela pessoa sofisticada tem relação direta ao seu corpo utilizado como forma de expressão, subentende-se que sua personalidade refletida através de seus trajes contemplem toda a sua essência, em corpo e alma. A partir disso, cria-se um parâmetro individual considerando sua universalidade, para definir se detém caráter elegante ou não.

Para Bergamo (2004), as diferenças entre elegância e atitude são expressas através das diferenças sociais e de gênero, onde o excesso cometido por figuras emergentes deslegitima o processo natural de se tornar elegante, exatamente pelas atitudes demasiadas. Por outro lado, traça um paralelo entre individualidade e contexto social, onde afirma que não é necessariamente o ambiente social que denota um sentido ao indivíduo, mas o indivíduo que denota um sentido a sua colocação social, mesmo que esta seja efêmera.

O excesso é provocativo e vulgar, desperta interesse além do desejado, por isso é considerado uma ameaça à integridade do conjunto elegante. Se a elegância preza por uma postura polida e livre de exageros, é imprescindível manter a discrição e se fazer distinguir e ser percebido exatamente por sua sutileza. Já o excesso aponta para um sentido contrário.

Sendo assim, os autores endossam a percepção de que a imagem elegante é constituída de vários aspectos, e que a complexidade de sua construção está não apenas em seus atributos visuais, mas em sua totalidade e em sua natureza.

2.1 O vanguardismo elegante

Apesar da palavra elegância estar associada ao luxo e os primórdios deste serem oficializados pelos franceses a partir do século XIV (conforme será abordado no capítulo seguinte com maior especificidade), é entre os séculos XVIII e XIX que o termo vem à tona e é empregado com mais força. É o luxo que favorece e proporciona o comportamento elegante, quem dita as regras.

Se anteriormente o homem é guiado pela religiosidade e a elegância restringe-se apenas a vestimenta e é confundida com o luxo, é na chegada da ciência no século XVII e no iluminismo do século XVIII que o homem se torna figura central de sua própria vida, dando vazão a razão e proporcionando maior entendimento sobre seus desejos. Seu corpo se transforma em seu templo e é através de sua expressão que é permitido mostra-se por completo, exibindo toda a sua individualidade. A indumentária ainda é importante para compor o enredo, mas é enriquecida com comportamentos e características pessoais que formam o todo.

As normas de etiqueta advindas do reinado de Luís XIV no século XVII, também contribuíram e facilitaram consideravelmente a forma de se expressar elegantemente, mas é só no próximo século que o termo realmente se destaca. Essas regras se tornam essenciais para processos de distinção e aprovação social.

De acordo com Galindo (2016), há uma ferramenta de busca pelo *google*¹ onde possibilita analisar a frequência da aparição de uma palavra no decorrer dos séculos. Neste ano, a ferramenta só esteve disponível em língua inglesa, logo o termo pesquisado foi *elegance*. A ferramenta registrou os maiores picos do uso desta palavra entre os séculos XVIII e XIX.

A noção de domínio do ser despertada nessa época, não mais representada apenas por um deus, alavanca a notoriedade da palavra. Ser compreendido para além

¹ Atualmente esta ferramenta se chama Google Trends e há tradução em língua portuguesa, porém só permite pesquisar termos com resultados posteriores ao ano de 2004.

de seu corpo e de seus costumes como diferencial social faz com que o uso do vocábulo seja facilmente expandido.

Nesse sentido, Rodrigues (2011) explica que o termo elegância se torna mais evidente a partir do século XVIII e que só foi difundido de forma mais ampla pelos canais de comunicação a partir do século XIX, devido ao surgimento do dândi² inglês George “Beau” Brummell (1778 – 1840), considerado referência máxima em elegância durante este período, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – George “Beau” Brummell, ilustrado por Richard Dighton (1805)



Fonte: Wikimedia Commons (2020)

Os dândis não necessariamente pertenciam a nobreza. Como prova disso, Brummell, considerado o precursor da elegância e do dandismo e responsável pela disseminação dos termos, teve uma origem relativamente simples, onde seu pai era encarregado das propriedades de um lorde inglês. Por consequência, tornou-se amigo do rei George IV, infiltrando-se assim na sociedade aristocrata da Inglaterra. De personalidade audaciosa, fez do seu apelo pessoal uma alavanca para o movimento dândi e seu pioneirismo.

² Do inglês Dandy; refere-se a um indivíduo que se veste com elegância, requinte e sofisticação.

Podendo ser considerado a arte da aparência, o dandismo é composto por várias nuances. Embora seu aspecto esteja relacionado à imagem, não é somente dela que um indivíduo atinge sua completude. Aqui ele é refém de sua própria aparência e a vestimenta se transforma numa moldura de seu próprio ser e do que ele representa.

Apesar da elegância ser considerada uma qualidade, percebe-se que seu verdadeiro sentido vai muito além de um adjetivo. A originalidade que não tolera excedentes na burguesia do século XVIII é o que precede a trajetória da elegância.

3 A ELEGÂNCIA E A FRANÇA: A ELEGÂNCIA TOMANDO FORMA

Embora o termo elegância tenha sido oficializado pelos ingleses no século XVIII, é na França que surgem os primeiros passos para que a palavra possa ser legitimada. Todo o luxo produzido pelo país a partir do século XVII, contribuiu diretamente para que o conceito de elegância fosse amplamente difundido e então consolidado.

Para Carvalho (2015), a moda como recurso de ascensão do individualismo nacionalista promoveu a França ao farol da elegância no século XVII. Sendo assim, a moda passa a representar não apenas sinônimo de sua cultura, mas também de modelo a ser seguido, onde as mais célebres figuras francesas da história transformam-se em porta-vozes do bom gosto.

Também conhecido por Rei Sol, Luís XIV (1638 - 1715) tornou-se o maior exemplo de extravagância da história das grandes lideranças. Sua ambição, entusiasmo e senso de refinamento aliados ao grandioso poder a ele designado foram fundamentais para o processo de entendimento da elegância.

Figura 2 – Retrato de Louis XIV por Hyacinthe Rigaud (1701)



Fonte: Google Arts and Culture (2012)

Ornamentado por trajes opulentos e de postura alinhada, conforme representado na Figura 2, Luís XIV performa através de sua representação-apresentação a estética almejada durante todo seu reinado. Reinado este considerado o mais longo da história da monarquia europeia.

Apesar de ser símbolo supremo de poder centralizado tal qual sugere seu codinome em referência ao astro rei, atentou-se para difundir o comportamento elegante entre os seus, para que não só ele, mas todos ao seu redor, mantivessem a postura adequada, criando-se assim as normas de etiqueta, um dos principais pilares da prática das elegâncias.

Além disso, idealizou a construção do Palácio de Versalhes a partir de 1664. Um espaço extremamente luxuoso e exuberante, onde fez de seu lar e conseqüentemente um signo de seu poder absoluto. Neste espaço também eram realizadas as mais grandiosas festas organizadas pelo rei, regadas a espetáculos e exageros. Atualmente o palácio é considerado um dos museus mais importantes da França e do mundo.

Outro expoente responsável pelo desencadeamento da elegância na história francesa foi Maria Antonieta (1755 – 1793). Tida como rainha da moda, a austríaca foi trazida muito jovem para a França, movida principalmente por interesses políticos. Em crescente adaptação, teve todos os seus caprichos cedidos pelo marido e então rei, Luís XVI. Fazendo uso de sua inteligência, beleza e transgressão, foi facilmente transformada em referência de moda influenciando toda a corte.

Weber (2008) ressalta que é através desse conjunto que Maria Antonieta inicia o processo de articulação da autoimagem, completamente nova e muito mais poderosa. Autoimagem esta que viria a livrar-se das possíveis complicações advindas de seu poder, ao seu pensar.

A maioria dos códigos de vestimenta concebidos por Luís XIV foram conservados, porém alguns deles violados por Maria Antonieta, como o uso de trajes simples, simulando a vida no campo, considerados um escândalo para a monarquia na época, assim como a recusa aos espartilhos. Mas é ela quem resgata toda a excentricidade proveniente do rei sol. Esse resgate se dá através da teatralidade festiva e dos bailes exuberantes, onde os *poufs*³ são exibidos e convertidos em símbolo máximo das tendências até então promovidas por Maria Antonieta.

³ Penteados gigantescos adornados de plumas e joias.

Figura 3 – Retrato de Maria Antonieta da Áustria por Jean-Baptiste André Gautier-Dagoty (1775)



Fonte: (WEBER, 2008, p. 569)

Com seu guarda-roupa invejável, Maria Antonieta, representada na Figura 3, transmuta-se de rainha da moda à traidora de sua pátria. Apontada diversas vezes como ameaça à defesa da identidade francesa obtida através do vestuário, já causava certo descontentamento ao importar tecidos para seus luxuosos trajés. Apesar de toda a agitação social e política da época, acredita-se que a recusa aos insumos produzidos pelos franceses aliada a indignação da população perante seus exageros, contribuíram em parte para sua queda.

Movidos pela intolerância, os cidadãos iniciam a Revolução Francesa, onde Maria Antonieta é julgada, condenada e posteriormente decapitada. Juntamente aos inúmeros simbolismos gerados por esse período, a Revolução pode sugerir a decadência dos artigos de luxo e do exagero.

3.1 Paris, a capital da moda

À grandes revoluções geralmente são atribuídas profundas mudanças nas esferas políticas, sociais e culturais. Ainda que a responsabilidade pelo desenvolvimento da moda no século XIX não possa ser concedida diretamente à Revolução Francesa, é ela quem impulsiona as transformações oriundas de seu desfecho.

Michetti (2009) observa que durante a aristocracia, a moda e o luxo eram tidos mais como sinais de afirmação da herança do poder monopolizado aristocrata do que como indicadores de distinção pessoal. A Revolução Francesa é o limite que representa uma sociedade onde os modelos característicos da aristocracia são conservados, principalmente em relação à moda feminina, porém luxo e moda são tratados de forma individualizada, já que a identidade se torna um valor que deve ser conquistado e desenvolvido e não mais assegurado ao nascer.

Dessa forma, a Revolução Francesa, em conjunto com a Revolução Industrial no século XIX, insinuam um divisor de águas no sistema de evolução da moda, assim como no processo de diferenciação individual, já que a moda cria certa vantagem com a ascensão da burguesia. Dada esta ligação, percebe-se o afastamento da burguesia em relação à classe trabalhadora, propondo uma nova forma de diferenciação de poder.

De acordo com Lipovetsky (2009), o período a seguir intitula-se “a moda dos cem anos”, que consiste num sistema de duas faces, onde num eixo enfatiza-se a fabricação do luxo sob medida na alta-costura e no outro a confecção industrial. Esta relação entre as indústrias, embora paralelas, configuram-se numa ação unitária, onde tornam-se parte de um mesmo sistema. Este ciclo inicia-se na metade do século XIX e perdura até 1960.

Com a aparição das primeiras máquinas de costura, a França torna-se pioneira na produção de confecção em série, mesmo que em pequena escala. Com isso, surge um importante conceito para criações requintadas a nível artesanal, exclusivas e sob medida, denominado alta-costura. Teve seu início através do costureiro inglês, radicado na França, Charles Frederick Worth.

Neste período que compreende a *Belle Époque*, marcado por manifestações artísticas, culturais e políticas por todo o mundo, sua casa de alta-costura, também chamada de *maison* Worth, promove os primeiros desfiles de moda com modelos vivos. Teve sua reputação consideravelmente aumentada devido a sua associação às damas da corte francesa. Apesar de sua fidelidade à modelagem pré-revolução, incumbiu-se de transformar a estrutura de seus modelos inéditos substituindo a crinolina⁴ pela anquinha⁵, segundo demonstra a Figura 4.

⁴ Espécie de armação abaulada para sustentação de saias.

⁵ Armação semelhante a crinolina, porém concentrando o volume na parte traseira do corpo.

Figura 4 – Conjunto de gala por House of Worth (1888)



Fonte: Met Museum (2007)

Como caracteriza Crane (2006), o acesso às peças de alta-costura era facilitado às elites, para quem a moda era destinada, ao passo que a aquisição de uma destas peças se tornava algo inatingível para a sociedade operária, relativizando o abismo social entre as classes. Desta forma, se membros de outras classes almejassem ter uma aparência elegante, precisariam imitá-la.

Assim, a alta-costura manifesta-se como forma de elegância idealizada e é no início do século XX que a compra destes modelos exclusivos simboliza status social. Enquanto isso, os grandes magazines exibem modelos inspirados na alta-costura, mas não disputam entre si, pois possuem públicos divergentes.

Sucedidos por Worth, emergem os principais nomes da história da moda parisiense. Nesta mesma época, Paul Poiret destaca-se não somente pela utilização das cores e do orientalismo em suas criações, mas também por abandonar o uso do espartilho e viabilizar a adoção do sutiã, associando-se a libertação do corpo feminino.

Numa sequência de marcos históricos, a Paris de 1910 é intitulada capital da moda encarregada por determinar as tendências para o restante do hemisfério. A partir daí, as apresentações das coleções sazonais são regulamentadas e se dividem em primavera/verão e outono/inverno.

Em 1920, período marcado pelo movimento artístico *Art Déco*, novos estilistas da alta-costura são consagrados. Madeleine Vionnet é referenciada como a arquiteta da moda. Jean Patou se sobressai como o maior nome da moda esportiva. Gabrielle “Coco” Chanel transforma-se em uma das figuras mais importantes e emblemáticas para a narrativa da elegância parisiense, e, conseqüentemente, do mundo.

Karbo (2010), parafraseia Chanel ao afirmar que quando se fala em elegância, se fala em luxo. O luxo deve ser invisível, porém é necessário que se faça ser percebido. O luxo é simples e possui significado oposto a complicação. É uma necessidade que se inicia quando a necessidade termina. O luxo contradiz a vulgaridade e o status. É individualidade, é a recusa de viver a regra. O luxo é, então, liberdade e elegância.

Figura 5 – Mademoiselle Chanel em seu ateliê



Fonte: Inside Chanel (2021)

Chanel, apresentada na Figura 5, detém-se do estilo clássico e fiel à elegância simples, oferecendo uma nova face para o luxo, por meio da representação da originalidade sem excessos. Seja pela funcionalidade dos bolsos ou pelo célebre *little black dress*, pelo *twin-set* ou *marinière*, sempre acompanhados da profusão de joias e semi-joias em pérolas e tendo as camélias como sua assinatura. A atemporalidade de suas peças atribui-se ao seu sucesso. Suas criações compõem parte essencial para a revolução da moda vigente.

Ao final da década de 30, a alta-costura reinventa-se por meio da improvisação para não prejudicar sua importância, já que seus recursos foram limitados em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ao final da guerra, a França

inaugura sua primeira grande exposição de alta-costura, nomeada “*Le Théâtre de la Mode*”, localizada em Paris, onde estilistas como Cristóbal Balenciaga, Pierre Balmain, Humberto de Givenchy são aclamados, entre eles, Christian Dior, que, com sua coleção *new look* (Figura 6), resgata a elegância do vestuário feminino pós-guerra.

Figura 6 – Tailleur Bar, símbolo do New Look, por Christian Dior (1947)



Fonte: Victoria and Albert Museum (2003)

O *prêt-à-porter* estabiliza-se entre 1950 e 1970, conferindo um impasse entre a nova elite e a elite tradicional. Se por um lado as *maisons* endividadas, mesmo após muitos esforços, ameaçavam a imagem francesa, do outro surgia a nova elite, de visão jovial e criativa, não condizentes ao sistema convencional. Com a inversão da pirâmide de difusão da moda, as *maisons* são substituídas pelas boutiques, conferindo uma nova noção de elegância que se impõe nos anos 60.

A criação do *prêt-à-porter* atentou-se à preservação da imagem de Paris como berço da elegância quando poderes e valores se reconfiguravam. Ao contrário do *ready-to-wear* americano, os preços do *prêt-à-porter* ainda eram considerados elevados e seus produtos possuíam caráter distintivo, tornando-se uma excelente via

para a adaptação da alta-costura. A aparência de instituição moderna foi garantida, bem como seus interesses econômicos, proporcionando a continuação do poder pela aparência e conduzindo a alta-costura para o desempenho de um novo papel, focado na criação conceitual e artística (SANT'ANNA-MULLER, 2011).

Durante este período, os Estados Unidos da América (EUA) e Inglaterra já possuíam suas próprias indústrias de moda, porém a França ainda dominava a alta-costura através da exportação, preservando Paris como capital mundial da moda. Além disso, o surgimento de importantes estilistas assoma esta época, evidenciando Yves Saint Laurent em 1950 e André Courregès em 1960.

Em 1970, inaugura-se a primeira feira de lançamentos de moda do mundo e o primeiro *bureau* de estilo para a indústria, reafirmando o poder de influência da capital francesa. Os anos 80 marcam-se pela androginia contemporânea do estilista Jean Paul Gaultier e pela alta-costura maximalista de Christian Lacroix. Já em 1990, o *prêt-à-porter* assume o controle mundial da moda. Nos anos seguintes, os conglomerados de moda assumem o controle de grande parte das *maisons*, além da eclosão do *fast fashion*.

Como corrobora Soares (2012, p. 199), “Paris ainda hoje é a cidade que legitima a moda. Paris é o berço da moda e foi lá que ela se desenvolveu e obteve a sua maioria como a conhecemos hoje”.

É através desta admirável trajetória que Paris consolida-se, mais uma vez, como epicentro da moda.

4 ELEGÂNCIA À FRANCESA: A ELEGÂNCIA CONSTRUÍDA

Tendo a França cancelado seu poder de influência por diversas vezes em seu percurso cronológico, delega-se ao estilo francês as noções de bom gosto que predominam até a atualidade.

Braga (2014) explica que a palavra estilo tem origem latina, que provém do termo grego *stilus* e possui maior conexão com questões genuínas e subjetivas. Desta forma, a visão de mundo é convertida em interpretação pessoal por meio da materialização de tal visão, ou seja, em identidade. Ao passo que esta identidade se converta em aceitação pública, esta é considerada moda. Já a palavra moda deriva de *modus*, que quer dizer o mesmo que modo ou maneira e representa algo que, além da aceitação coletiva, data o tempo e revela o estilo de determinada época.

A partir desta colocação, pode-se entender esta dinâmica como um ciclo, onde o estilo produz a moda, que atinge determinado público. Marca-se o tempo. À medida que o tempo se modifica, originam-se novos estilos que virão a ser moda. E assim sucessivamente.

Deste modo, os padrões estéticos específicos promovidos pela França e, neste caso, tendo seu foco no vestuário das mulheres francesas, garantem sua popularidade, não somente por construir uma base sólida pautada na elegância, mas também por resistir às ações do tempo. O estilo francês faz da atemporalidade sua marca registrada.

4.1 O estilo das parisienses

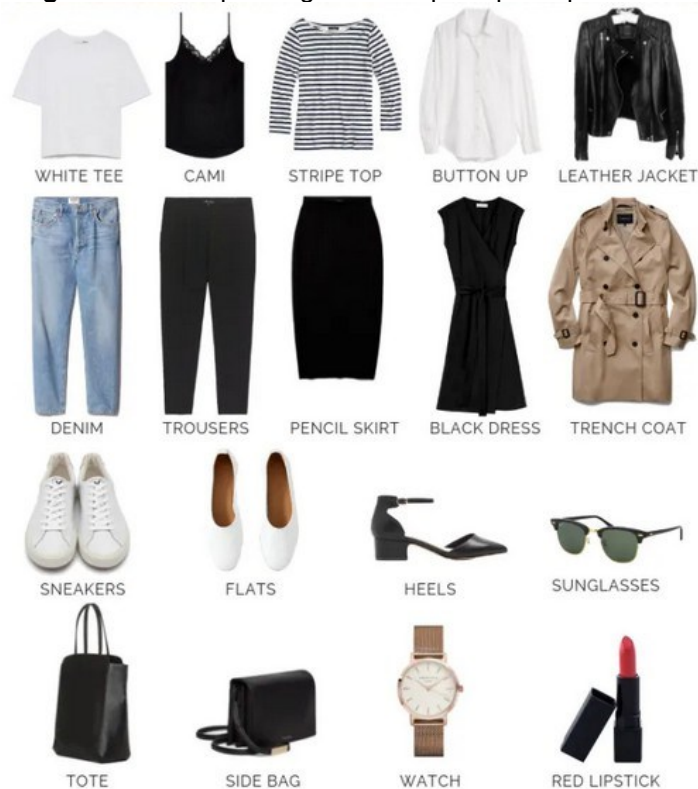
Também chamada de cidade luz e pertencendo ao seleto grupo de capitais da moda, Paris encarrega-se por perpetuar toda a sua glória de um passado elegante. E são as parisienses que, amparadas pelo seu *savoir-faire*, algo como conhecimento ou saber-fazer, se responsabilizam por fomentar a moda francesa em toda a sua essência.

La Fressange (2011) pontua que a parisiense tem o pensamento arrogante de que nunca estará fora de moda. Ela não liga para a moda pois é a própria moda. Apesar de respirar o ar dos tempos ou *l'air des temps*, que neste caso interpreta-se por tendências de moda, as parisienses não padecem delas. Isso não significa que

são aversas às novidades, mas não se orientam exclusivamente por elas. Desse modo, conseguem transformar uma peça de baixíssimo custo em um item interessante, apenas pela sua atitude.

Contraopondo todo o luxo associado à sua história, as parisienses acreditam no *effortless style*, onde simula-se um estilo sem esforço que estrutura sua estética. Estilo este que se caracteriza pela predominância de peças essencialmente clássicas que, aliadas ao seu comportamento elegante, compõem o estilo típico parisiense.

Figura 7 – Exemplo de guarda-roupa cápsula parisiense



Fonte: Emily Lightly (2019)

A ideia central para a montagem de um guarda-roupa tradicionalmente parisiense, como demonstra a Figura 7, é que os artigos possam ser facilmente coordenados, descomplicando o vestir. Dessa forma, investe-se em poucos produtos, porém priorizando sua qualidade e consequentemente sua longevidade. Observa-se a importância da ausência de detalhes extravagantes nas peças, conferindo uma aparência polida e sem exageros, extremamente relevante para a composição deste estilo.

Conforme ressalta La Fressange (2011), são necessários 7 itens básicos para arquitetar o armário parisiense. São eles o blazer, o suéter azul-marinho, o *trench*

coat, a camiseta, a calça jeans, a jaqueta de couro e o vestido preto em alusão ao *little black dress*. Os itens restantes associam-se à composição.

O blazer, anteriormente idealizado por Yves Saint Laurent, concede um tom masculino à produção, porém precavendo-se de não masculinizar o visual como um todo. A intenção da parisiense é trazer elementos do guarda-roupa masculino, mas atentando-se aos detalhes que o afeminará. O suéter azul-marinho de *cashmere* traz a sofisticação através da escolha da cor e é utilizado quando pretende-se optar por um visual que transmita seriedade, todavia informal. O *trench coat*, apesar de ser originalmente destinado aos dias chuvosos, aqui representa uma espécie de segunda pele, transformando-se num item obrigatório, sendo inadmissível não o adquirir.

Já as camisetas possuem tons neutros e surgem como peças de apoio, seja regatas ou com mangas curtas. Aqui inclui-se a *marinière*, a famosa blusa listrada com mangas longas, concebida por Coco Chanel. As calças jeans com corte reto e lavagens discretas encabeçam o favoritismo. A jaqueta de couro atua como um elemento que sugere descontração.

Por fim, o icônico vestido preto. Encarado como o princípio básico para a simplicidade e elegância, este possui algumas particularidades e a diferença se dá através da modelagem. Portanto, cada parisiense terá o vestido preto que represente melhor sua individualidade, mesmo tratando-se de uma peça universal. Ele não significa apenas mais uma peça, mas sim um conceito. A figura 8 apresenta combinações realizadas entre algumas destas peças.

Figura 8 – Combinações a partir dos itens básicos do vestuário parisiense



Fonte: Compilação do autor via La Fressange (2011)

Berest, Diwan, Maigret *et al.* (2014) ressaltam que, para a parisiense, não é preciso investir anos de remuneração em seu guarda-roupa, ou mesmo utilizar somente roupas de grife durante todo o ano. Basta-se apenas uma única peça, que faça-a notar sua força, referindo-se à virtude da peça nobre do guarda-roupa parisiense.

A peça nobre trata-se da peça que valorizará o conjunto, podendo estar entre os itens indispensáveis ou não. É uma peça única, estimada e atemporal, mas sua marca não é exibida. É como um presente a si mesma, a estrela do conjunto. Este item encontra-se acima da moda e funciona como uma arma para o bem-vestir. É um truque reservado para os momentos em que é preciso sentir-se confiante.

Os acessórios mostram-se como elementos que atestam definitivamente o estilo parisiense, arrematando-o. Dentre os calçados, destacam-se os mocassins, as sapatilhas e os scarpins pretos. Para as bolsas, opta-se por algum modelo clássico, não necessariamente de luxo. Para a parisiense, a bolsa ideal não é a bolsa do momento, e sim o modelo que atenderá suas necessidades. Joias ou bijuterias discretas fornecem o acabamento.

Paralelamente, concede-se às celebridades francesas um forte apelo para a difusão do estilo parisiense, sobretudo as atrizes do cinema francês. Do comportamento ao figurino, convertem-se em musas inspiradoras dos modos parisienses. Sendo assim, não só se valida o código de vestimenta francês, bem como transforma-o em objeto de desejo e influência para além da França, e, devido sua atemporalidade, transita por entre as décadas, sem jamais perder seu prestígio.

Figura 9 – Musas do cinema francês (Deneuve, Bardot e Gainsbourg, respectivamente)



Fonte: Compilação do autor via Vogue Paris e Elle Paris (2021)

Catherine Deneuve, Brigitte Bardot e Charlotte Gainsbourg (Figura 9) representam algumas das mais importantes atrizes agentes da disseminação da estética francesa. Deneuve destaca-se nos anos 60, por sua atuação no filme *Belle du Jour*, transformando-se em modelo de beleza e elegância da época. Nesta mesma década, surge Bardot, consagrada como uma das atrizes mais influentes na história da moda e do cinema francês. Gainsbourg, filha da atriz inglesa Jane Birkin e do cantor francês Serge Gainsbourg, reflete desde suas raízes todo seu talento e refinamento derivados da conduta francesa e conquista a atenção do renomado cineasta Lars Von Trier.

Atualmente, cabe às influenciadoras digitais parisienses a tarefa de perpetuação desta estética. Observa-se que as musas contemporâneas fazem uso das mesmas peças-chave de suas antecessoras, como a *marinière*, o *little black dress*, o blazer e o mocassim, comprovando-se assim a ideia de que a aplicação destes itens é indispensável para que este estilo seja prolongado e então eternizado.

Figura 10 – Musas contemporâneas (Damas, Socol, Mus e Charrière, respectivamente)



Fonte: Compilação do autor via Vogue Paris e W Magazine (2021)

Jeanne Damas, Sabina Socol, Sylvie Mus e Camille Charrière (Figura 10) são alguns dos nomes que compõem a nova classe de influenciadoras francesas em evidência. Anne-Laure Mais, Lou Doillon e Leïa Sfez também são figuras relevantes neste cenário, onde, por meio das plataformas digitais, promovem o estilo parisiense moderno.

Deste modo, revigora-se o estilo parisiense tradicional, porém atentando-se para que sua estética seja preservada, através da predominância das peças-chave. As musas contemporâneas renovam o olhar francês sobre a moda, ao mesmo tempo

em que reforçam as características clássicas do bom gosto parisiense. Sua estética harmoniosa, de postura sóbria e elegante e sua aura de mistério e despreensão, juntamente aos itens essenciais que podem ser facilmente reproduzidos, fazem deste estilo um objeto de desejo, despertando interesse mundial.

4.2 O estilo das brasileiras pelos critérios franceses

Durante o século XIX, os pilares da moda brasileira ainda seguiam indefinidos, pois encontravam-se em meio ao seu processo de construção. Apesar da relevante contribuição da cultura africana para o Brasil, nota-se a aproximação da cultura parisiense durante a elaboração da identidade brasileira.

Carvalho e Mendes (2015) explicam que, apesar da França não ter influenciado suficientemente a política e a economia do Brasil nesta época, colaborou especialmente na mudança das práticas culturais do país, auxiliando na edificação de sua individualidade e em sua reestruturação artística. Assim, sugere-se que o estilo mais significativo para a moda no Brasil no século XIX seja o estilo parisiense.

A *Belle Époque* brasileira iniciou-se em 1889 com a Proclamação da República e prevaleceu até 1922, após a Semana de Arte Moderna. Este período evidencia todo o luxo e extravagância protagonizados pela classe alta brasileira, principalmente pela elite carioca, já que o Rio de Janeiro ainda era tido como capital do país nesta época.

Pesché (2014) acrescenta que a *Belle Époque* é o período em que as mulheres adquirem maior independência e que o Brasil não se diferencia neste aspecto. A sociedade saía recentemente de um ciclo de escravidão e do Império, procura na *Belle Époque* um meio de restabelecer-se enquanto elite, através do espelhamento dos modos e modas parisienses, por serem mais refinados e tradicionalmente burgueses. Porém, o vestuário francês proveniente desta época vai perdendo força, devido a incompatibilidade com o clima brasileiro.

Ao passar dos anos e tal qual a *Belle Époque*, muitas brasileiras ainda são influenciadas por Paris na atualidade. Isso se dá através da identificação com o comportamento da mulher parisiense na tentativa de reproduzir seu refinamento.

Na visão de La Fressange (2011), não é necessário ter nascido em Paris para obter o estilo das parisienses. Ter um estilo à parisiense refere-se a um estado de espírito. A exemplo disso, tem-se várias personalidades da história francesa de

diferentes nacionalidades, mas que tiveram sua ascensão em Paris, como a austríaca Maria Antonieta, o argeliano Yves Saint Laurent e a inglesa Jane Birkin.

No Brasil, cita-se a marca idealizada por Luisa Meirelles e que leva seu nome como vitrine da influência do estilo parisiense no país, conforme ilustra a Figura 11. Inspirada no *savoir-faire* das francesas, a marca oferece peças que misturam o charme francês e o verão carioca, estreitando os laços com a cultura francesa, mas preocupando-se com a adaptação das peças ao clima tropical brasileiro.

Figura 11 – Luisa Meirelles em sua loja homônima



Fonte: Shop Luisa Meirelles (2015)

Suas criações remetem ao verão francês e encenam o charme das parisienses, através dos vestidos florais de formato envelope, das *espadrilles* e dos tecidos fluidos, contemplando assim toda a leveza do verão parisiense, revelando uma outra face deste estilo.

As parisienses demonstram que o equilíbrio é o que move a elegância. Seu estilo de vida despretenso, juntamente ao seu senso estético converte-se num conjunto autêntico, poderoso e admirado. O talento ao combinar peças caras e baratas, a sensação de que não despendem de tanto tempo ao arrumar-se e os artigos com características passíveis de aplicação, fazem imaginar que é possível imitá-las.

Através da facilidade com que as parisienses dominam sua estética e demonstrando que o segredo de seu bem-vestir encontra-se em sua atitude, inspiram pessoas ao redor de todo o mundo que veem nelas a personificação da elegância.

Portanto, o estilo parisiense revela-se como uma potente ferramenta de continuação da influência francesa, comprovando sua força e seu domínio não só em território brasileiro, mas em todo o mundo. Se anteriormente a moda francesa era empregada como forma de distinção, hoje ela é tida como instrumento de aproximação das pessoas à sua cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que pesquisar sobre este tema favoreceria a compreensão de como o comportamento de determinado grupo pode contribuir para a moda, e que, aliado ao interesse do autor bem como a escassez de material formal sobre a temática, determinaram a importância de se aprofundar neste assunto. Sendo a moda um campo de conhecimento cultural e o comportamento deste grupo um alvo de estudo histórico, deu-se a relevância desta pesquisa.

Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo geral compreender o porquê de o estilo das parisienses ser tão atrativo a ponto de influenciar pessoas em todo o mundo a se comportarem da mesma forma. Para atingi-lo, o trabalho estruturou-se em três capítulos, a fim de entender o processo de construção deste estilo.

No primeiro capítulo, situou-se o conceito do termo elegância, que norteia este estudo. Constatou-se a ideia de que a elegância se trata de uma narrativa complexa, apresentada através do vestuário como ferramenta principal de diferenciação, seguido de trejeitos e comportamentos aprendidos. Entendeu-se também que a tomada de consciência do homem enquanto corpo e alma foi crucial para a composição do conjunto elegante, ainda que exclusivamente direcionados à elite. Reafirmou-se o pensamento de que não se nasce elegante, torna-se.

É possível observar no segundo capítulo como se deu a evolução de estilo na França, provando por diversas vezes sua autonomia na moda e como os personagens de sua história foram extremamente importantes para chegar ao seu posto de soberania. Seu desenvolvimento esclarece como as atitudes iniciadas pelo rei Luís XIV transformaram as noções de elegância e as tornaram cada vez mais acessíveis no decorrer das décadas através de suas renovações, transformando-se no que entendemos hoje por moda francesa.

Dedicou-se o terceiro capítulo à análise da estrutura do guarda-roupa parisiense, onde este foi esmiuçado. Apresentou-se as principais peças que compõem seu universo, bem como suas particularidades, elucidando a capacidade de persuasão de seu estilo, inclusive entre as brasileiras.

Os pontos abordados nesta pesquisa evidenciaram que o estilo francês, ancorado pelos atributos da elegância, configurou-se continuamente como objeto de desejo e imitação. Tornou explícito que, ao identificar-se com algo, cria-se a vontade

de copiá-lo na tentativa de pertencer àquilo, do mimetismo no período aristocrata à tentativa de assemelhar-se às parisienses contemporâneas, confirmando-se assim as hipóteses iniciais. Acrescentou-se que couberam às parisienses transportarem para a atualidade toda a bagagem histórica de um passado brilhante na moda e a perpetuarem esse sentimento de padrão a ser seguido, tipicamente francês, através do poder atrativo de seu *savoir-faire* e da elegância simplificada, respondendo-se assim o problema de pesquisa.

A principal implicação da investigação revela que através da metodologia aplicada foi possível alcançar os objetivos previstos, onde a revisão bibliográfica permitiu sustentar o estudo do estilo francês cronologicamente, permitindo sua melhor compreensão.

Diante do trabalho realizado, percebe-se que este poderia ter sido executado com uma pesquisa mais ampla na bibliografia, para analisar mais profundamente seus aspectos históricos. Porém, o período pandêmico impossibilitou o acesso a outras formas de pesquisa, como materiais físicos e à biblioteca institucional, além da limitação de tempo.

Por todas estas ponderações, espera-se que esta pesquisa possa promover discussões a partir do tema, e que pesquisas futuras sobre o mesmo assunto complementem este estudo, como por exemplo, analisar possíveis destinos da moda francesa, diversidade, entre outros.

REFERÊNCIAS

BEREST, Anne. *et al.* **Como ser uma parisiense em qualquer lugar do mundo**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Fontanar, 2014. 258 p.

BERGAMO, Alexandre. Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu**: Dossiê: o gênero da moda e outros gêneros, Campinas - SP, n. 22, p. 83-113, Jan-Jun 2004. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100005>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRAGA, João. Histórias: estilo e moda. **dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo – SP, v. 7, n. 16, p. 36-38, 27 out. 2014. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/28/28>. Acesso em: 29 maio 2021.

_____. O luxo em 13 palavras: possíveis entendimentos e conceituações. **dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo -SP, v. 6, ed. 13, p. 15, 24 jan. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6277531>. Acesso em: 29 mar. 2021

CARVALHO, Marina Hammes de. Moda Francesa como um subsídio para a identidade nacional e exemplos de governança. *In*: ENPModa – Encontro Nacional de Pesquisa em Moda, 5., 2015, Novo Hamburgo. **Anais [...]**. Novo Hamburgo: FEEVALE, p. 4. 2015. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/839dd436-4081-4ea3-91bb-2440df1986bb/MODA%20FRANCESA%20COMO%20UM%20SUBS%20DDIO%20PARA%20A%20IDENTIDADE%20NACIONAL%20E%20EXEMPLO%20DE%20OVERNAN%20C3%87A.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: Classe, gênero e identidade das roupas. 2ª. ed. São Paulo: Senac, 2006. 532 p.

ELEGÂNCIA. *In*: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/elegancia>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ELLE FRANCE. **Charlotte Gainsbourg dans la dernière campagne de Gérard Darel**. 2016. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.elle.fr/Mode/Les-news-mode/PretaLiker-Charlotte-Gainsbourg-reprend-du-service-pour-Gerard-Darel#Charlotte-Gainsbourg-dans-la-derniere-campagne-de-Gerard-Darel>. Acesso em: 31 maio 2021.

EMILY LIGHTLY. **The Classic French Capsule Wardrobe**. 2019. 1 Fotografia. Disponível em: <https://emilylightly.com/2019/07/classic-french-capsule-wardrobe/>. Acesso em: 31 maio 2021.

GALINDO, Caetano W. Elegância, a arte de fazer boas escolhas. **Gazeta do povo: Caderno G**, Curitiba - PR, 3 set. 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/colunistas/caetano-galindo/elegancia-a-arte-de-fazer-boas-escolhas-b0y7119o2g5br8gm9rc8wv8nh/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GOOGLE ARTS AND CULTURE. **Luís XIV, Rei de França (1638-1715) por Hyacinthe Rigaud**. 2012. Pintura, óleo sobre tela, w2050 x h3130 mm. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/lu%C3%ADs-xiv-rei-de-fran%C3%A7a-1638-1715-hyacinthe-rigaud/FgGUEI5poz0FIA>. Acesso em: 8 abr. 2021.

INSIDE CHANEL. **O ateliê**: Mademoiselle Chanel em seu ateliê. 2021. 1 Fotografia. Disponível em: https://inside.chanel.com/pt/paris-by-chanel/5n-chanel-paris/05_ax022051_medium. Acesso em: 18 maio 2021.

KARBO, Karen. **O evangelho de Coco Chanel**: Lições de vida da mulher mais elegante do mundo. São Paulo: Seoman, 2010. 216 p.

LA FRESSANGE, Ines de. **A parisiense**: O guia de estilo de Ines de La Fressange. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 244 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. Edição de bolso. ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2009. 352 p.

LUISA MEIRELLES. **A Luisa**. 2015. 1 Fotografia. Disponível em: https://shop.luisameirelles.com/lookbook/?5/Quem-Somos/&no_cache=1. Acesso em: 2 jun. 2021.

MENDES, Raísa Amaral; CARVALHO, Doutora Agda. Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca. **Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, São Paulo**, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2015. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2015/11/75_IC_VOL-5_2.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

MET MUSEUM. **Court presentation ensemble ca. 1888**. 2007. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/137479>. Acesso em: 10 maio 2021.

MICHETTI, M. CAPÍTULOS DA MODERNIDADE: moda e consumo na Paris do século XIX. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 1, 1 nov. 2009. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2398/1811>. Acesso em 15 abr. 2021.

PESCHÉ, Luisa Assunção. A mulher e a herança francesa de cultura de moda no Brasil moderno. In: **II Seminário Internacional História do Tempo Presente - ISSN**

2237 4078. 2014. Disponível em:

<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/89/39>.
Acesso em: 06 jun. 2021.

RODRIGUES, Mariana C. de F. T. O complexo da elegância. *In: COLÓQUIO DE MODA*, 8., 2011, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEPEM, p. 8. 2011. Disponível em:

http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202011/GT08/Comunicacao-Oral/CO_89852O_Complexo_da_Elegancia.pdf.
Acesso em: 02 abr. 2021.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Prêt-à-Porter, discussões em torno de seu surgimento e relação com a Alta-Costura francesa. **Projetica**, v. 2, n. 2, p. 114-127, 2011.

Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/8856>.
Acesso em: 27 maio 2021.

SILVA, Joanna Brito de Lima. Corpo sem classe: elegância natural e teatralidade elegante. **Campos: Revista de Antropologia PPGA/UFPR**, Curitiba - PR, v. 17, ed. 1, p. 12, Jan-Jun 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v17i1.49622>. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/49622/pdf_1. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOARES, Vera Lúcia Lins. Moda - Capital Paris, sempre!. **Actas de Diseño.**

Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo, Buenos Aires, ano 7, n. 13, p. 197-200, 2012. DOI <https://doi.org/https://doi.org/10.18682/add.vi13>. Disponível em:

https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/archivos/396_libro.pdf.
Acesso em: 24 maio 2021.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. **Skirt Suit 1947 (designed), 1955 (made).**

2003. 1 Fotografia. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O75379/bar-la-ligne-corolle-the-skirt-suit-dior-christian/bar-skirt-suit-christian-dior/>. Acesso em: 21 maio 2021.

VOGUE PARIS. **Brigitte Bardot in "Le Mépris"**. 2020. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.fr/fashion-culture/article/brigitte-bardot-in-25-vintage-photos>.

Acesso em: 31 maio 2021.

VOGUE PARIS. **Catherine Deneuve in London.** 2019. 1 Fotografia. Disponível em:

<https://www.vogue.fr/fashion/fashion-inspiration/diaporama/catherine-deneuves-style/23291/amp>. Acesso em: 31 maio 2021.

VOGUE PARIS. **Le dimanche de... Camille Charrière.** 2017. 1 Fotografia.

Disponível em: <https://www.vogue.fr/culture/le-dimanche-de/articles/dimanche-de-camille-charriere-adresses-londres-paris-influenceuse-mode/57589>. Acesso em: 2 jun. 2021.

VOGUE PARIS. **Strut like you?re in Sex and the City with these new boots by Jonak x Sabina Socol**. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.fr/fashion/fashion-news/story/strut-like-youre-in-sex-and-the-city-with-these-new-boots-by-jonak-x-sabina-socol/3973>. Acesso em: 2 jun. 2021.

VOGUE PARIS. **Sylvie Mus**. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.vogue.com/slideshow/stockholm-fashion-week-street-style-spring-2019?mbid=social_onsite_pinterest. Acesso em: 2 jun. 2021.

W MAGAZINE. **Jeanne Damas for the Reformation**. 2015. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.wmagazine.com/story/jeanne-damas-reformation>. Acesso em: 2 jun. 2021.

WEBER, Caroline. **Rainha da Moda: Como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 573 p.

WIKIMEDIA COMMONS. **George "Beau" Brummell por Richard Dighton (1805)**. 2020. watercolor, 651 × 900 (65 kB). Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:BrummellDighton1805.jpg?uselang=pt-br#file>. Acesso em: 31 mar. 2021.